

MIA COUTO

CRONICANDO

CRÓNICAS



A carta

A velha dobrou as pernas como se dobrasse os séculos. Ela sofria doença do chão, mais e de mais se deixando nos caídos. Amparava-se em poeiras, seria para se acostumar à cova, na subfície do mundo?

— *Me leia a carta.*

Me entregava o papel marrotado, dobrado em mil sujidades. Era a carta de seu filho, Ezequiel. Ele se longeara, de farda, cabelo no zero. A carta, ele a enviara fazia anos muito coçados. Sempre era a mesma, já eu lhe conhecia de memória, vírgula a vírgula.

— *Outra vez, mamã Cacilda?*

— *Sim, maistravez.*

Sentei o papel sob os olhos, fingi acarinhar o desenho das letras. Quase nem se viam, suadas que estavam. Dormiam sob o lenço de Cacilda, desde que chegara a guerra. Essas letras cheiram a pólvora, me rodilham o coração. Era o dito da velha. Agora, passados os tempos, aquele papel era a única prova de seu Ezequiel. Parecia que só pelo escrito, sempre mais desbotado, seu filho acedia à existência.

Nas primeiras vezes eu até me procedia à leitura, traduzindo a autêntica versão do pequeno soldado. Eram letras incertinhas, pareciam crianças saindo da formatura. Juntavam-se ali mais erros que palavras. O recheio nem era maior que o formato. Porque naquela escrita não havia nem linha de ternura. O soldado aprendera a guerra, desaprendendo o amor? Em Ezequiel, morrera o filho para nascer o tropeiro?

Nas primeiras leituras, meu coração muito se apertava em inventadas dedicatórias àquela mãe. Enquanto lia, eu espreitava o rosto da idosa senhora, tentando escutar uma ruga de tristeza. Nada. A velha se imovia, como se tivesse saudade da morte. Seus olhos não mencionavam nenhuma dor.

Eu tentava um alívio, desculpar o menino que não sobrevivera à farda. Nem se entristenha, mamã Cacilda. Também, maneira como carregaram esse menino para a tropa! Sem camisa, sem mala, sem

notícia. Atirado para os fundos do camião como se faz às encomendas sem endereço.

— *Entenda, mamã Cacilda.*

Mas ela já dormia, deitada em antiquíssima sombra. Ou mentia que dormia, debruçada na varanda da alma? Fingia, a velha. Como o rio, num açude, se disfarça de lagoa. Depois, ela regressava às pálpebras, me apressava.

— *Continua. Por que paraste?*

Já não restava nada que ler. Era só o gorduroso gatafunho, despedida sem nenhum beijo. Pode a carta de um saudoso filho terminar assim: «unidade, trabalho, vigilância»?

Mas a velha insistia, cismalhava. Eu que lesse, toda a gente sabe, as letras igualam as estrelas: mesmo poucas são infinitas. Eu lhe fosse paciente, pobre mãe, sem nenhuma escola. Foi então que passei a alongar aquela tinta, amolecendo as reais palavras. Inventava. Em cada leitura, uma nova carta surgia da velha missiva. E o Ezequiel, em minha imagináutica, ganhava os infindos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino. Cacilda escutava num embalo, houvessem em minha voz ondas de um sepultado mar. Ela embarcava de visita a seu filho, tudo se passando na bondade de uma mentira. Diz-se: na própria doideira nos vamos loucurando.

Até, um dia, me trouxeram notícia. Ezequiel perdera, para sempre, a existência. Ele se desfechava em incógnitos matos, vítima dos bandos. A mãe nem suspeitava. Perguntei: desconhecia-se o paradeiro dela. Ficasse eu atribuído de lhe entregar o escuro anúncio. Esperei. Nesse fim de tardinha, porém, mamã Cacilda não compareceu em minha casa. Assustei: adivinhara ela o destino de Ezequiel? Quem conhece os poderes de uma mãe em exercício de saudade?

Decidi ir ao seu lugar. Parti ainda restavam manchas do poente. Cacilda cozinhava uns míseros grãos, ementa de passarinho.

— *Senta, meu filho, fica servido, não custa dividir pobreza.*

Fui ficando, me compondo de coragem. Como poderia eu deflagrar aquele luto? Comemos. Melhor: fingimos comer. Faz conta é uma refeição, meu filho. Faz conta. Modo que eu vivo, fazendo de

conta.

— *E agora, diz: por que vieste nessa minha casa?*

Olhei o chão, o mundo escapava pelo fundo. Ela venceu o silêncio.

— *Me vens ler o meu filho?*

Acenei que sim. Aceitei o velho papel mas demorei a começar. Eu queria acertar os meus tons, evitando o emergir de alguma tremura. Finalmente, atravessei a escrita, ao avesso da verdade. Trouxe as novas do filho, seus consecutivos heroísmos. Ele, o mais bravo, mais bondoso, mais único.

Como sempre, a mãe escutou em qualificado silêncio. As vezes, no colorir de um parágrafo, ela sorria: sempre igual, esse meu filho. Eu me parabendizia, cumprida a missão do fingimento. Me despedi, quase em alívio. Foi então, em derradeiro relance, que eu vi: a velha mãe lançava a carta sobre a fogueira. Ao meu virar, ela emendou o gesto. O papel demorou um instante a ser mastigado pelo fogo. Nesse brevíssimo segundo, eu anotei a lágrima pingando sobre a esteira. Ela fingiu tirar um fumo do rosto, fez conta que metia a carta sob o lenço. Me voltei a despedir, fazendo conta que aquele adeus era igual aos todos que já lhe concedera.

A sombra sentada

O sol andava descalço na planície, arrastando seus pés diurnos sobre a paisagem. Meus olhos tossiam a muita poeira e, agachados sob as pálpebras, entreviam o chão esquelético.

Aquela visão magoava: esse esqueleto de terra era, afinal, o de todos nós. E aquela areia que se estendia, devagarosa, era a nossa alma, moribunda.

Eu ia visitar o velho Travage, queria ouvir o seu conselho sobre os mundos. Travage tinha sido guarda da passagem de nível. Durante anos, a seu mando paralisavam os comboios. Levantava a bandeira e os ferros faiscavam travagens. Donde seu nome.

Depois, o tempo cacimbou-lhe os olhos. Disseram-lhe: leva a re-

forma e vai. Ele regressou à primeira pedra, num lugar onde nunca se escutou o uivo dos comboios. Mas o velho, quase surdo, acreditava que, por entre os demorados silêncios, se sentia o metálico suspiro das máquinas.

— *A linha já chega aqui perto? Um dia a força me vai voltar. Então, hei-de procurar onde anda o xitimela.*¹

No pensamento do velho abundava o tempo. Esse era o gosto de o voltar a ver. Por esse gosto eu largara meus afazeres urbanos e me fizera aos trilhos. Ia seguindo pelos caminhos de terra, desses que nascem da conversa entre o chão e os pés viajantes. No atalho arenoso, as minhas pernas eram escolares, gémeas aprendizes da lonjura.

Quando cheguei, Travage veio à varanda dos olhos e me admirou:

— *Você andou até aqui só para me ver?*

Saudou-me com palavras avisantes: uma terra que não viaja é porque já não sonha. Entreguei-lhe os cigarros que embrulhara num saco plástico. O velho remirou o saco como se ele valesse mais que o conteúdo.

— *Esse plástico também é lembrança?*

E riu-se, mostrando a boca desguarnecida. Corrigiu o riso com as costas da mão.

— *Os dentes me faltam só para rir. Se mesmo tivesse os todos, já nem tinha serviço para dar-lhes. Agora engulo o quê? Saliva, só mais nada.*

E explicou-se: a vergonha do riso. Alegria deve ser mordida, enrolada. A alegria pede a letra erre. Rir sem dentes é como beber cerveja sem espuma. Desta vez, fui eu que sorri.

— *Estou a falar* — disse ele. — *Qual é a competência do riso desdentado?*

Nossa preguiça era essa: divagar, devagar. O assunto, mal que surgia, se perdia. Mas Travage, nesse enquanto, me perguntou:

— *Continuam a atacar os comboios?*

Eu me calei perante a evidência: ali estava um assunto com a tristeza toda de fora. Respondi: às vezes. Ele abanou a cabeça, enxotan-

do a angústia.

— *A guerra está com fome: engole famílias, todas inteiras.*

O velho reentrara em si, cercado por suas próprias palavras. Olhando-o naquela inclinação dolorosa, fui pensando em como nos vamos desabitando da morte inocente, tanto é o crime. Porque o medo da sua perca me chegou como que um pressentimento de luto. Porém, eu não temia que a vida daquele velho tropeçasse em doença ou se enroscasse na idade. Eu receava apenas que viessem de surpresa e o matassem.

Perguntei-lhe se ainda dormia no mato.

— *Já não. Durmo aqui, mato é lugar dos cabritos.*

Lembrei-lhe como era exposta aquela sua pequena casa. Ele não respondeu. Não sei se não ouviu ou se embrulho lhe roubara a atenção. Remexeu no saco retirou de lá os maços de tabaco.

— *Leva, já não preciso. Só fica o plástico, mais nada.*

Surpreendeu-me aquela recusa. Mas eu não insisti, adivinhando aquelas razões escondidas que ele usava.

— *Alguma coisa está para acontecer: faz tempo que não ouço os comboios por estes lados. Tantíssimo tempo.*

Despedi-me do velho, sentindo que nunca mais voltaria a adoçar a minha alma naquela sombra sentada.

Lénine na cabeceira

1. Atropelou-se ninguém

Escusam: nunca encontrarão registo da ocorrência. Mas o caso desatou-se quando um mendigo recebeu devido atropelamento, no cruzamento das avenidas em vias de irrecuperação.

Pisado foi o paupérrimo, isento de nome, desses que carecem de atestado. As roupas, aos fiorrapos, lhe davam a suficiente identidade. Era um pedinte, bastava.

Pelo visto, o maltrapeiro ousara atravessar as instruídas avenidas. Teria ambições de cidadão? Ou seria sua embriaguez conduzir as congénitas solas em tão distinto alcatrão? Fosse o seu quê: mal foi dele, alcatramado, demolido no meio do trânsito.

O criaturo se palpava, conferindo as costolentas. Os passantes paravam, espreitavam. Mas vendo tão descategorizado sinistrado se afastavam, metendo-se nos ombros. Não foi nada. Só um desses, população. Foi grave? Nem valia atendimentos, um gajo tão magro só podia ser batido de raspão.

2. A promoção de ninguém

Mas, eis. Alguém, entre os curiosos, faz notar um saco no meio dos destroços. O caso, num instante, alterou-se da figura. Um simples atropelado é pequeno assunto nos correntes dias. Um ladrão, sim, continua a merecer bastante escândalo.

Vários braços se entremurraram para arrancar o misterioso saco, vasculhar suas entranhas. O que levava o pedinte em tal saco? Com certeza, era produto de roubalheiras. E, de pronto, se aventavam sentenças. O maltrapilho deixara de ser ninguém, se promovera a ladrão. Não se cometesse o erro de lhe entregar à polícia. Justiça, a haver, teria que ser ali mesmo, na hora, porrada fresquinha. Já se

voluntariavam justiceiros quando do cujo saco se derramou estranho conteúdo: eram livros, dezenas, centidezenas. Alguns de envergadura, calhamaçudos. O que era aquilo, um intelectual disfarçado de esfarrapado?

— *Um maltrapilho, ainda vá. Um ladrão, vá que não venha. Mas um intelectual, isso é que não.*

Soavam condenações: reatrole-se o gajo, mais os livros.

— *Os livros não. Deixem ver primeiro.*

Foi o assombro. Não eram simples livros: eram manuais das mais proletárias teorias. Compêndios, citações, obras escolhidas. Havia Marx, Engels, Trotsky, Mao Tsé Tung, Che Guevara. Os assistentes se admiravam: o sinistrado seria delegado da V Internacional? Foi a voz apertando o engasganete dele:

— *Eh pá, onde saíram esses todos livros?*

— *A razão que explico não sou: fui dado.*

De um lado relampejou um virapé.

— *Já disse: esses livros fui dado.*

— *Foste dado com quem?*

— *Com o senhor daquela casa.*

E apontou a residência em frente.

3. Obrigações de caixote

Foram, dirigiram-se à tal casa. Em manada, ngo-ngo-ngo, bateram à porta. O residente confirmou, tinha dado os livros ao pedinte. Explicava-se em termos, quando, de repente, proclamou um pranto:

— *Não me tragam os livros de volta, por amor de Deus!*

Dava pena: o homem, ainda de pijama, molhando as flanelas. Os visitantes lhe consolaram, absurdo personagem que ansiava o desaparecimento de seus bens. Não, declarava ele, vocês é que não entendem. Enchi estantes e estantes com tais literaturas. Nunca li quase nenhum. Agora, me quis livrar deles. Mandei quinze caixotes para as tabacarias. Todos vieram de volta, os tabanqueiros disseram que o produto não tinha já nenhuma venda. A propósito, nenhum dos ex-

celentísimos está interessado em levar alguns livrinhos? É de graça, um caixote sem mais obrigações. Ninguém quer? Então, senhores, por que se vão embora, assim com as pressas? É só um caixotinho, só unzinho...

4. O pedinte pendente

O esmolista atropelado mantinha-se, no asfalto, um caso pendente. Pois que, após a multidão se dissolver, ele também se pedestrou. O pedinte compunha o tipo «atropelado-e-foge».

Em seu esconderijo, ele ainda conserva os todos livros. Apenas um ele usou, não para ler (que isso ele ignora) mas para acender as fogueirinhas, o bom luminho onde ele aquece os seus esquecimentos. Os livros restantes ele lhes conserva, em pilhas arrumadinhas, cada pilha com sua cor de capa. Nas obras completas, ele designa os assentos dos imaginados visitantes. Um outro, mais volumaço, lhe serve de almofada. Na capa da obra, Vladimir Lénine parece posar um outro, mais malicioso sorriso. Porque ambos, o mal e o bem-trapilho, costuram no pano da desilusão o mesmo sonho. Como se os dois soubessem que um mundo feito só de justiça não será coisa para este tempo. Mas que, no actual hoje, bem que o mundo poderia ter um pouco mais de justiça.

O viajante clandestino

— *Não é arvião. Diz-se: avião.*

O menino estranhou a emenda de sua mãe. Não mencionava ele uma criatura do ar? A criança tem a vantagem de estrear o mundo, iniciando outro matrimónio entre as coisas e os nomes. Outros a elas se parecem, à vida sempre recém-chegando. São os homens em estado de poesia, essa infância autorizada pelo brilho da palavra.

— *Mãe: avioneta é a neta do avião?*

Vamos para a sala de espera, ordenou a mãe. Sala de esperas? Que o miúdo acreditava que todas as salas fossem iguais, na viscosa espe-

ra de nascer sempre menos. Ela lhe admolestou, prescrevendo' juízo. Aquilo era um aeroporto, lugar de respeito. A senhora apontou os passageiros, seus ares graves, sotúrnicos. O menino mediu-se com aquele luto, aceitando os deveres do seu tamanho. Depois, se desenrolou do colo materno, fez sua a sua mão e foi à vidraça. Espreitou os imponentes ruídos, alertou a mãe para um qualquer espanto. Mas a sua voz se arfou no tropel dos motores.

Eu assistia a criança. Procurava naquele aprendiz de criatura a ingenuidade que nos autoriza a sermos estranhos num mundo que nos estranha. Frágeis onde a mentira credencia os fortes.

Seria aquele menino a fractura por onde, naquela toda frieza, espreitava a humanidade? No aeroporto eu me salvava da angústia através de um exemplar da infância. Valha-nos nós.

O menino agora contemplava as traseiras do céu, seguindo as fumagens, lentas pegadas dos instantâneos aviões. Ele então se fingiu um aeroplano, braços estendidos em asas. Descolava do chão, o mundo sendo seu enorme brinquedo. E viajava por seus infinitos, roçando as malas e as pernas dos passageiros entediados. Até que a mãe debitou suas ordens. Ele que recolhesse a fantasia, aquele lugar era pertença exclusiva dos adultos.

— *Arranja-te. Estamos quase a partir.*

— *Então vou despedir do passaporteiro.*

A mãe corrigiu em dupla dose. Primeiro, não ia a nenhuma parte. Segundo, não se chamava assim ao senhor dos passaportes. Mas só no presente o menino se subditava. Porque, em seu sonho, mais adiante, ele se proclama:

— *Quando for grande quero ser passaporteiro.*

E ele já se antefruía, de farda, dentro do vidro. Ele é que autorizava a subida aos céus.

— *Vou estudar para migraceiro.*

— *Es doido, filho. Fica quieto.*

O miúdo guardou seus jogos, constreito. Que criança, neste mundo, tem vocação para adulto?

Saímos da sala para o avião. Chuiscava. O menino seguia seus

passos quando, na lisura do alcatrão, ele viu o sapo. Encharcado, o bicho saltiritava. Sua boca, maior que o corpo, traduzia o espanto das diferenças. Que fazia ali aquele representante dos primórdios, naquele lugar de futuros apressados?

O menino parou, observante, cuidando os perigos do batráquio. Na imensa incompreensão do asfalto, o bicho seria esmagado por cega e certa roda.

— *Mãe, eu posso levar o sapo?*

A senhora estremeceu de horror. Olhou vergonhada, pedindo desculpas aos passantes. Então, começou a disputa. A senhora obrigava o braço do filho, os dois se teimavam. Venceu a secular maternidade. O menino, murcho como acento circunflexo, subiu as escadas, ocupou seu lugar, ajeitou o cinto. Do meu assento eu podia ver a tristeza desembrulhando líquidas missangas no seu rosto. Fiz-lhe sinal, ele me encarou de soslado. Então, em seu rosto se acendeu a mais grata bandeira de felicidade. Porque do côncavo de minhas mãos espreitou o focinho do mais clandestino de todos os passageiros.

Sangue da avó, manchando a alcatifa

Siga-se o provérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri.

Mandaram vir para Maputo a avó Carolina. Razões de guerra. A velha mantinha magras sobrevivências lá, no interior, em terra mais frequentada por balas que por chuva. Além disso, a avó estava bastante cheia de idade. Carolina merecia as penas.

A vovó chegou e logo se admirou dos luxos da família. Alcatifas, mármore, carros, uísques: tudo abundava. Nos princípios, ela muito se orgulhou daquelas riquezas. A Independência, afinal, não tinha sido para o povo viver bem? Mas, depois, a velha se foi duvidando. Afinal, de onde vinham tantas vaidades? E por que razão os tesouros desta vida não se distribuem pelos todos?

Carolina, calada em si, não desistia de se perguntar. Parecia demorar-se em estado de domingo. Mas, por dentro, os mistérios lhe davam serviço. Na aldeia, a velha muito elogiara a militância dos filhos citadinos, comentando os seus sacrifícios pela causa do povo. Em sua boca, a família era bandeira hasteada bem no alto, onde nem poeira pode trazer mancha. Mas agora ela se inquietava olhando aquela casa empanturrada de luxos. A filha vinha da loja com sacos cheios, abarrotados.

— *Esse abastecimento não é tão de mais?*

— *Cala, vovó. Vai lá ver televisão.*

Sentavam a avó frente ao aparelho e ela ficava prisioneira das luzes. Apoiada numa velha bengala, adormecia no sofá. E ali lhe deixavam. Mais noite, ela despertava e luscofuscava seus pequenos olhos pela sala. Filhos e netos se fechavam numa roda, assistindo vídeo. Quase lhe vinha um sentimento doce, a memória da fogueira arredondando os corações. E lhe subia uma vontade de contar estórias. Mas ninguém lhe escutava. Os miúdos enchiam as orelhas de auscul-